



## **POLITICA**

### **Proclamação da independência de Angola por Agostinho Neto**

“Em nome do Povo angolano, o Comité Central do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), proclama solenemente perante a África e o Mundo a Independência de Angola.

Nesta hora o Povo angolano e o Comité Central do MPLA observam um minuto de silêncio e determinam que vivam para sempre os heróis tombados pela Independência da Pátria...”

### **A ÉPICA BATALHA DE KIFANGONDO**

#### **História vivida em Kifangondo**

A voz pausada e firme de Neto envolveu a multidão no largo que viria a chamar-se 1º de Maio, quase sem precisar do sistema de amplificação sonora instalado no local. O recurso ao registo sonoro deste momento solene da História de Angola, repetido num “spot” institucional na Televisão Pública de Angola (TPA), permite ouvir pequenos estalidos irregulares e secos, entrecortando o discurso do fundador da Nação.

Fica a impressão que são falhas no som, normalíssimas num registo feito por um aparelho sem os recursos tecnológicos disponíveis actualmente. Mas Manuel André, que assistiu à cerimónia corrige: “não são falhas do som, eram tiros...”.

Antes um mero espectador da proclamação da independência, hoje funcionário sénior da TPA, Manuel André explica que os estalidos ao fundo, na gravação, eram explosões que se ouviam de muito longe. “Quando o Presidente Agostinho Neto proclamou a independência, os combatentes das FAPLA travavam uma dura batalha, em Kifangondo, contra tropas inimigas e as explosões de armas pesadas eram ouvidas também no Largo 1º de Maio”.

A versão apresentada por Manuel André é verdadeira, mas não completamente correcta. Os estalidos que se ouvem ao fundo no registo sonoro do discurso da proclamação da Independência nacional correspondem a disparos da batalha de Kifangondo, mas, naquele momento já não havia combates, na verdadeira acepção da palavra, muito menos bombardeamentos do inimigo.

O general Carlos Alberto da Silva e Mello Xavier, actual responsável da Academia Militar das Forças Armadas Angolanas, que acedeu ao nosso convite para uma visita guiada ao palco da batalha de Kifangondo conta que na madrugada do dia 11, quando foi proclamada a Independência Nacional, o inimigo já tocava em retirada havia algum tempo. “Éramos só nós a bombardear as posições do inimigo que estava em fuga desordenada”.



À época oficial de artilharia, o comandante Xavier revela que os disparos que se ouviam em Luanda, na proclamação da independência, “correspondem aos bombardeamentos feitos pelas nossas tropas numa fase em que o inimigo já recuava. Nós bombardeámos no dia 10 e prosseguimos nos dias 11 e 12. Na fuga, eles tentavam ainda recuperar as suas técnicas deixadas no terreno”.

Xavier fez parte de uma estrutura de comando encabeçada por David Moisés “Ndozi”, que integrava, entre outros, os hoje generais António dos Santos França “Ndalú”, então chefe do Estado-Maior da IX Brigada, Roberto Leal Monteiro “Ngongo” (chefe da secção de artilharia), Rui de Matos “Maio” (chefe das operações) ou Salviano Sequeira “Kianda”, todos combatentes com provas dadas na luta armada de libertação nacional.

### **No encaço da história**

Na véspera da proclamação da independência, a pacata Kifangondo, terra de gente camponesa, conhecia a maior concentração militar de que há memória em número de tropas e equipamento e tecnologia militar. Naquele momento, Kifangondo era palco de um conflito internacional.

“As FAPLA ocupavam estrategicamente a área do morro de Kifangondo, e, desta forma, podíamos controlar duas direcções que convergem para a cidade de Luanda, que era a estrada que de um lado vem do Ambrizete/Ambriz/Caxito e do outro lado vem do Uíje/Kibaxi/Piri/Caxito”, conta.

O general Xavier falou à nossa reportagem precisamente no local onde acompanhou a movimentação das tropas inimiga há 34 anos. “Além da possibilidade de controlar esse ponto de convergência do acesso à cidade de Luanda, era também possível manter o controlo das estradas de Catete/Kifangondo/Luanda, além de dominar toda a planície e toda a lagoa do Panguila que tanto de um lado como do outro são terrenos pantanosos, o que obrigava o inimigo a concentrar-se nos limites para a sua tentativa de ataque final”, relata.

Após consolidadas as posições, as tropas permaneceram em silêncio por ordem do comandante Ndozi. “Eles bombardearam-nos intensamente no dia 9, utilizando todas as baterias de artilharia, à espera que a nossa artilharia respondesse ao fogo para permitir a localização”, refere o general, sublinhando que, na altura, os sul-africanos utilizavam um sistema de captação de tiro por onda sonora.

O dia 10 de Novembro era decisivo para ambos os lados, porque se aquela linha de defesa da cidade de Luanda fosse transposta nesse dia, impedia a proclamação da independência. “Com a tentativa de ocuparem o morro de Kifangondo, a companhia de mercenários portugueses nos canhões AML e o pelotão de artilharia com soldados regulares sul-africanos que manobravam canhões 140mm, reforçaram o seu contingente com forças zairenses”.



Do outro lado estava uma companhia de tropas da FNLA, três batalhões de tropas especiais zairenses, uma companhia de mercenários portugueses do ELP, duas companhias de blindados AML 90 e 60, uma bateria de morteiros 105mm e um pelotão anti-aéreo.

Do lado de cá, as FAPLA recebem o reforço de um grupo de internacionalistas cubanos, ajudando a consolidar as suas posições com armas pesadas. O general Xavier pormenoriza: “considerando que a batalha tinha grande importância estratégica e política preponderantes as FAPLA foram reforçadas com uma companhia de tropas especiais, os Corvos ao Imbondeiro, e um batalhão de BRDM na ala esquerda do rio Bengo e na conduta de água que abastece Luanda a partir de Kifangondo”.

As FAPLA dispunham de três batalhões de infantaria (escola de Ndalatando), uma companhia de destacamento feminino, uma bateria GRD-1P, uma bateria de BM 21, duas baterias de morteiro 82mm em Unimogs, uma companhia de comandos da IX Brigada e 58 internacionalistas cubanos.

### **A batalha de Kifangondo**

Após intenso bombardeamento no dia anterior, as FAPLA estavam à espera de uma investida maior no dia 10 de Novembro de 1975. O relógio indicava 05H00, quando dois aviões se fizeram aos céus flagelando as posições das FAPLA, no Morro de Kifangondo.

“A primeira impressão é que fomos bombardeados pela aviação, mas não. Eram voos de reconhecimento que iam verificar os acessos, principalmente o estado das pontes, mas que a dado passo começaram a disparar com peças de artilharia”, esclarece.

O comandante Xavier conta que esse movimento da aviação (eram avionetas de reconhecimento, que partiam da pista do Ambriz ou de pequenas pistas em fazendas como a Martins de Almeida), obrigou a mudança de posições dos BM 21 para a elevação Este no Morro de Kifangondo.

“Ao amanhecer a artilharia inimiga concentrou o seu fogo nas posições defensivas do morro de Kifangondo, mas, sobrestimando o efeito das suas armas, transfere o bombardeamento para o Cacuaco e retaguarda do morro, originando assim o avanço da sua infantaria em camiões, precedidos por companhia de blindados”, relata.

O avanço da infantaria foi acompanhado em silêncio pelas posições das FAPLA, que aguardavam até que estivessem ao alcance da artilharia, conforme ordens do comandante Ndozi. “A infantaria inimiga salta dos camiões e inicia a sua progressão apeada e protegida pelo Esquadrão Ouso, que era constituído por carros blindados AML de 60 e 90, acompanhados a partir do cimo do Morro da Cal pela coluna do segundo escalão (retaguarda) da ofensiva que ia explorar os resultados obtidos pelos do primeiro escalão”.

Até então, disse o general Xavier, só havia movimentação de tropas do lado do inimigo. “As posições das FAPLA estavam mudas”, diz.



## O primeiro tiro

Quando um dos três blindados AML 90 se aproximava da última curva antes de chegar à ponte destruída, conseguiu detectar a posição de um dos canhões 76 mm das FAPLA. Abriu fogo quase no mesmo instante, mas sem atingir o alvo.

Junto à peça de artilharia das FAPLA estava o general Xavier. Do seu lado direito tinha um oficial de reconhecimento, que é hoje o vice-ministro do Interior, o general Dinho Martins, e do esquerdo estava o canhão 76 mm, com um jovem soldado cubano.

“Foi tudo muito rápido. O cubano que estava ao meu lado precipita-se e dispara o canhão de 76 mm e não atinge o blindado inimigo, que parou. O Dinho Martins ainda comentou: “estamos lixados!”. O comandante recorda a sorte que tiveram quando um novo disparo feito a partir do blindado AML 90 foi explodir precisamente no local em que hoje funciona a administração do memorial à batalha de Kifangondo.

“O disparo caiu lá atrás e bateu num posto onde está essa casa amarela e os estilhaços atingiram a cabeça de um camarada nosso. Mas a malta não ripostou”, diz o general.

A situação mudou de figura quando outros dois blindados entraram em cena e começaram a movimentar-se na mesma direcção que o primeiro. Os dois começaram a lançar os morteiros de 120 mm, levando a que o comandante Xavier tomasse uma decisão: “ Quando vi aquilo tomei o lugar do jovem cubano, agarrei o tubo e elevei até aonde caiu a primeira munição e depois, com o aparelho de pontaria, vi e aponte para o blindado”, conta o comandante que, assim, inscrevia o seu nome na batalha de Kifangondo como o autor da primeira baixa de vulto nas hostes inimigas.

O disparo acertou em cheio no blindado que saiu da estrada. A partir do local em que o general Xavier recorda a cena, é possível identificar a curva fatal para o oficial do ELP, tenente Pais, unidade comandada pelo coronel Santos e Castro. “O AML 90 ficou com a base da torre do blindado destruída, tendo levado consigo, inclusive, metade do corpo do mercenário que chefiava o blindado”.

O general Xavier acrescenta que quando, ainda no dia 10, terminou o combate, com vários soldados inimigos mortos e material abandonado no terreno, o general Ndalú pediu voluntários para ir verificar. “Se o meu comandante queria ir, claro, tive que ir com ele, mais um jovem bazuqueiro com um pioneiro. Atravessámos, com uma canoa, e fomos até ao blindado que tínhamos atingido e demos com parte do corpo do comandante que dirigia o AML. Ao lado estava uma arma daquelas caçadeiras a que chamamos lançador de ovos de Páscoa, que eu ofereci ao Museu das Forças Armadas Angolanas na inauguração deste monumento”.



Para o general Xavier, aquela arma é uma prova do envolvimento das tropas mercenárias portuguesas. “Por isso é que eu digo, se alguém um dia pensar que é mentira, pelo número da arma, vão ver quem comprou e a quem foi entregue, porque normalmente as armas quando são ilegais, eles raspam o registo, mas aquela não, e então trouxemos”.

### **O esquadrão feminino**

Da batalha de Kifangondo pouco ou nada se diz sobre o papel da mulher. Mas o general Xavier ressalta que havia um esquadrão feminino, que “teve um papel fundamental nos combates”.

“Tínhamos aqui mesmo na frente de combate mulheres muito corajosas. Uma delas é aquela comandante da polícia, a Bety, outra é a esposa do general Rangel, que depois daqui ainda avançou num blindado até ao Sul onde acabou ferida. Eram mais de 100, com idades entre os 18 e os 25 anos”, realça.

Distribuídas pelos diferentes postos de comando, nunca em número acima das três, as jovens voluntárias eram por norma operadoras das comunicações. “Elas tinham uma capacidade maior de observação, eram mais precisas que os homens a passar as informações, e também nos blindados. Elas em combate eram corajosas.”

Em Novembro de 2005, aquando da comemoração dos 30 anos de independência e da batalha de Kifangondo, uma equipa de reportagem de cubanos perguntou ao general Xavier se tinha conhecimento da pessoa que havia aberto fogo contra o blindado AML 90.

“Quando comemorámos os 30 anos da batalha de Kifangondo, uma equipa de reportagem cubana entrevistou-me e durante a entrevista perguntaram se não tinha ocorrido algo no início dos combates que me interessasse comentar. Eles afinal tinham entrevistado o jovem cubano que lhes contou a história. Eu confirmei que afinal o começo dos combates em Kifangondo se deveu a um erro do então jovem soldado”.

### **BATALHA DE KIFANGONDO FEZ SEUS HERÓIS ANÓNIMOS: A ELES A PALAVRA**

As honras cabem aos generais, diz o velho ditado, mas estes louros, às vezes, são conseguidos à custa do sacrifício de soldados, aquela gente que hoje continua no anonimato.

E para não variar, a decisiva Batalha de Kifangondo também fez os seus heróis anónimos, muitos deles ainda jovens, que nas comemorações dos 30 anos de independência não vão, seguramente, desfilar garbosos, embora se tenham arriscado a lutar pela independência e da sua experiência dão testemunho nesta rubrica especial.

Sempre humilde, o nosso primeiro entrevistado prefere que seja identificado pelo seu nome de



guerra: ?Diabólico das Graças? antigo soldado das ex-FAPLA, onde permaneceu dez anos, contados a partir de 1974. Conta que em 11 de Novembro de 1974, no calor do sentimento patriótico, enquadrou-se na primeira região politico-militar na área do Totobola, de onde seguiu para o CIR-Centro de Instrução Militar Mussenga e daí encaminhado para Luanda, concretamente no RI-20, enquadrado na terceira companhia de infantaria, comandada pelo camarada Leopardo, hoje tenente-general das FAA.

Tendo como chefe de grupo o camarada Kidy, pouco tempo depois é destacado para a primeira linha em Kifangondo, e precisa, «aí onde está o marco histórico de Kifangongo. Não na Vidrul, onde estava o estado-maior» e ali ficou desde o dia sete de Novembro de 1975.

Depois dos combates do dia 9, deixou temporariamente a posição para levar um companheiro e amigo, na altura, para Luanda, que estava acossado por um forte paludismo, dado a região ser muito infestada por mosquitos.

Que idade você tinha naquela altura? «Naquela altura eu tinha 15 anos de idade». Apesar desta sua «fragilidade», ?Diabólico das Graças? disse que «o sentimento revolucionário e a camaradagem ajudaram a levar uma vida normal, sem qualquer percalço».

Qual foi o momento marcante daquela epopeia?

«Foi o confronto directo com as forças mercenárias, quando os Panhard desciam o Morro da Cal em direcção a onde hoje as pessoas fazem o pic-nic, acho que duas curvas antes de chegar ao próprio rio de Kifangondo, onde um companheiro da artilharia atingiu o carro de combate inimigo».

Ao que parece, as forças inimigas não tiveram um eficiente serviço de reconhecimento para se arrisquem a tanto, uma vez que a ponte já estava quebrada, «ela foi detonada por um comandante que vinha do maquis, que tinha o nome de comandante Kabusso». Houve muitas perdas do vosso lado?

«Para dizer a verdade houve mais baixas da parte inimiga. Do nosso lado, para te ser sincero não houve baixas». Solicitado a esclarecer vozes correntes, na altura, que davam como certo ter havido um massacre, violações e tortura de crianças em Kifangondo, ?Diabólico das Graças? desmistifica assim «Não, isso é uma outra coisa que não tem nada a ver com os combates de Kifangondo. O massacre de Kifangondo, pelo que eu sei, foi um grupo de camaradas que saía de Luanda para o CIR Certeza que foram surpreendidos pelo caminho e não tem nada a ver com as batalhas do dia 8 e 9 de Novembro de 1975, que acabaram por ser as batalhas decisivas para a derrota do inimigo e consequente proclamação da independência no dia 11 de Novembro».

Entre as unidades que compuseram a primeira linha de defesa, diz terem constado unidades de artilharia, conhecida por dragões, várias companhias da nona brigada e grupos de companheiros cubanos.



Depois de poucos dias de repouso, em Luanda, a sua unidade voltou a ser mobilizada para marchar em perseguição das forças inimigas que debandavam a Norte de Angola: «Particpei na libertação do Uije, do Toto, do Kinzau, do Ambrizete, Santo António do Zaire e daí fomos recolhidos pelo camarada Lúcio Lara e fomos postos na Ilha para posteriormente arrancarmos para Cuba».

A viagem a este país não se consuma, porque já havia partido um grupo e a alternativa encontrada foi instalá-los nos Adidos, primeiro, e depois no CIR Kimpuanza, na altura escola de Oficiais, que também já estava cheia, tendo finalmente feito um curso de defesa anti-aérea com a duração de 45 dias, no Morro da Luz. E daí?

«Daí fomos abrir a FAPA-DAA, no Lobito, creio que fiquei lá três, quatro anos, depois vim para Luanda, onde fiquei seis meses e fui enquadrado no Ministério da Defesa, propriamente na Direcção de Operações do Estado Maior General das FAPLA. Depois fui para o Kuando-Kubango, onde funcionei com o malogrado comandante Zacarias Pinto ?Bolingó?».

Sem qualquer grau militar e reforma condigna, ainda assim, ?Diabólico das Graças? sente-se orgulhoso de ter lutado pela pátria: «Foi um dever cumprido e me acho honrado por ter feito o que fiz, porque vejo isso no sentido de que as pessoas estão livres, estão libertas e o meu dever foi cumprido com muito zelo».(Eugénio Mateus)

## **ASSIM SE CONSTROI A HISTÓRIA DE UMA NAÇÃO ENTRE VÁRIOS CAMBIANTES E QUE MUITAS VEZES NOS ESQUECEMOS DE VALIDAR...**

### **O fim dos mercenários na rota da Damba**

TESTEMUNHO DE GARCIA CAMACHO que durante a segunda guerra de libertação nacional foi Comandante do 4º Batalhão das FAPLA.

"Angola foi o primeiro Estado soberano do mundo a julgar e condenar, com pesadas penas, as actividades mercenárias. Capturados em Fevereiro de 1976, entre a **Damba e Maquela do Zombo, na província do Uíje**, os "soldados da fortuna", como também são conhecidos, foram julgados em Julho de 1976 e condenados, em Luanda, pelo então Tribunal Popular Revolucionário. Entre os condenados, destaca-se o tristemente célebre cidadão grego-britânico Costas Georgio (Capitão Calan), Barcker, Meckenzie, Grillo, Mendonza e Arturo Ortega. Às portas do 34º aniversário da captura e julgamento em Angola dos primeiros "soldados da fortuna", Jornal de Angola traz à estampa a conversa com um dos participantes directos nos combates que culminaram com a captura do capitão Calan.

Aos 61 anos, Garcia Monteiro Camacho, ex-oficial das FAPLA, tem bem presente na memória os momentos trágicos por que passou antes da captura, a 9 de Fevereiro de 1976, do grupo de mercenários que no Norte do país, coligado às forças zairenses, procurava criar uma zona tampão entre o desvio do Kusso Pete e Soba Nanga para travar o avanço das forças governamentais durante a segunda guerra de libertação nacional.



Comandante do 4º Batalhão das FAPLA, assessorado pelo comandante Veiga Bayer, de nacionalidade cubana, Garcia Camacho recorda que Calan era extremamente violento e um frio assassino.

“Para ele, a vida humana não tinha qualquer importância”, disse, contando o trágico episódio de uma jovem parálitica, morta friamente por Calan com um tiro de pistola na cabeça, por se ter recusado a dar informações sobre a presença de tropas governamentais, junto da sua aldeia, em Soba Nanga.

O antigo comandante das FAPLA conta que as forças governamentais tomaram conhecimento da presença de Calan e companheiros na região, às 17 horas do dia 9 de Fevereiro de 1976, através de um grupo de mulheres.

“Nós libertámos a Damba das forças inimigas no dia 8 de Fevereiro e no dia seguinte, quando avançávamos para Quibocolo (Maquela do Zombo), fomos alertados por um grupo de mulheres que voltava para casa, para a presença entre Kusso Pete e Soba Nanga de soldados brancos, que falavam uma língua estrangeira e que estavam a matar civis e as tropas da FNLA que se recusavam combater”, disse.

Diante dessa informação, um grupo de infantaria foi enviado para actuar a partir da retaguarda das linhas de defesa do inimigo, enquanto os mercenários avançavam com a ilusão de que as tropas governamentais eram apenas aquelas que tinham sido divisadas na sua frente de ataque. “Porque era mês de Fevereiro, com o capim bastante alto e chovia torrencialmente, a nossa penetração em dois flancos na retaguarda do inimigo foi bem sucedida”, recorda o velho comandante das FAPLA.

Meia hora depois, o comando do batalhão dá ordens para o início do ataque. As forças comandadas por Calan, atentas às forças na sua frente de ataque, foram surpreendidas com o fogo cruzado de artilharia e de infantaria dos dois lados de ataque das forças governamentais.

Ante o forte poder de fogo das forças governamentais, quando eram 18H30, Calan e companheiros não tiveram outra alternativa senão recuar. “Quando eles procuravam recuar, num Land Rover descapotável de caixa comprida munido de uma Breda com potentes holofotes, nós começámos a atirar com canhões de 75 mm e 76 mm, descomandando o inimigo, que depois foi completamente desarticulado pelas nossas tropas que se tinham colocado na retaguarda das suas linhas de defesa”, disse.

Como resultado deste ataque, disse Garcia Camacho, vários soldados inimigos são aniquilados, Georges Calan é atingido na rótula e o Land Rover destruído. Eram então 19 horas e continuava a chover torrencialmente. Mas, Calan, mesmo ferido, conseguiu fugir.

“Porque chovia torrencialmente, decidimos passar ali a noite e no dia seguinte, às seis da manhã, averiguar os resultados do combate e depois prosseguir a marcha”, disse Garcia Camacho.





## O dia seguinte

Garcia Camacho conta que no dia seguinte, 10 de Fevereiro de 1976, às seis da manhã, quando percorriam o teatro dos combates, um soldado cubano alertou que estava a alguns metros sentado um homem. Era Calan ferido, que sem contemplanções atirou a matar. Um outro soldado cubano que quis averiguar o que se estava a passar, também teve o mesmo destino trágico. E não foi desta, segundo o ex-oficial das FAPLA, que Calan foi apanhado. Com o capim alto, conseguiu afastar-se do local e foi esconder-se em casa de uma camponesa chamada Isabel numa aldeia próxima de **Quibocolo (Maquela do Zombo)**. Isabel estava grávida e o seu depoimento em Tribunal foi impressionante.

O ex-oficial das FAPLA conta que as forças governamentais, no avanço para Quibocolo, ainda foram emboscadas por mercenárias no desvio entre Kusse Pete e Quibocolo.

“Desmantelamos o inimigo e quando entrámos em Quibocolo deparámo-nos com um quadro horripilante. Não quero, 34 anos depois, ressuscitar velhos fantasmas, mas é nosso dever contar a verdade dos factos para que a História possa registar. Como dizia, encontrámos em Quibocolo dezenas de mortos completamente dilacerados, entre mulheres, crianças e velhos. Alguns estavam pendurados em árvores. Era um quadro dantesco”, rememora Garcia Camacho com o cenho franzido.

Esse quadro horripilante, segundo o velho comandante, era o resultado da vingança das forças mercenárias em fuga para o então Zaire de Mobutu. Garcia Camacho conta que quatro dos mercenários julgados depois em Luanda foram feitos prisioneiros pelas populações de Quibocolo, tendo o seu batalhão feito prisioneiros outros dois, entre os quais Gregório, que era o adjunto de Calan.

“Nessa altura, Georges Calan ainda estava escondido em casa de dona Isabel, de quem até abusou sexualmente”, disse Garcia Camacho, acrescentando que foi essa camponesa que o denunciou às forças governamentais, que de seguida o aprisionaram. Pálido, Calan foi feito prisioneiro a 13 de Fevereiro de 1976 sem resistência. Camacho diz que o hoje tenente-general Guerra Pires “Guerrito”, por si enquadrado nas então FAPLA, acompanhou todas essas acções militares.

Garcia Camacho conta que teve o primeiro contacto com as forças da guerrilha em 1970, quando cumpria serviço militar no exército português em Cabinda. Diz ter contribuído, juntamente com o então alferes Saturnino, hoje general das FAA, na fuga de 15 soldados que desertaram do exército português em Cabinda, para se enquadrar na guerrilha do MPLA em Brazzaville.

“Este facto foi divulgado pelo programa de rádio Angola Combatente a partir de Brazzaville e o nosso ponto de contacto na capital do Congo era o falecido comandante de coluna Bernardo Sukahata, correligionário do Comandante Hoji ya Henda”, disse.

Garcia Camacho defende a divulgação destes e de outros factos que marcaram a História recente de Angola, enquanto muita gente que sabe dessas coisas ainda está viva.